

**De Tavira a Ayamonte, em 1573,
quando da visita de El Rei
D. Sebastião ao Algarve**

Arnaldo Casimiro Anica

Capitão do Exército Reformado

Minhas senhoras e meus senhores. Apresento a vossas Excelências os meus cumprimentos e as minhas desculpas por não vos falar na língua castelhana. Mas, convidado que fui por D. Enrique Arroyo Berrones, coordenador destas Jornadas, para nelas tomar parte, apresentando uma comunicação que dissesse respeito às relações históricas entre a cidade de Tavira e esta de Ayamonte, aceitei de imediato tão amável convite, pois que, havendo D. Enrique, por mais de uma vez, tomado parte nas Jornadas Históricas de Tavira, era lógico que um taviense retribuísse da mesma moeda.

Infelizmente, apesar das boas relações que desde sempre têm havido entre os ayamontinos e os tavienses, certo é que os arquivos da minha cidade pouco se lhe referem. Porém, quando da visita do Rei de Portugal D. Sebastião ao Algarve, este trouxe consigo um cronista que se encarregou de efectuar o relato dessa jornada.

E como esse relato contém notícias também de Ayamonte, pareceu-me que a partir dele poderia eu dissertar aqui de modo a cumprir o espírito destas Jornadas.

A referida visita ocorreu em Janeiro de 1573 e o mencionado cronista chamava-se João Gascão. O seu relato dessa viagem régia está publicado em Portugal desde pelo menos 1886, ano em que viu a publicidade na revista das Ciências Militares, vol. II.

Ao narrar a chegada de D. Sebastião a Tavira, escreveu João Gascão o seguinte:

“Trouxeram a El Rei na forma costumada por uma rua muito comprida, e mui formosa e bem provida de móvel, e ás janelas muitas mulheres moças (...) e algumas se desvelaram

em deitar a El-Rei e aos circunstantes águas de cheiro; e a rua estava tão cheia de gente, assim da terra (Tavira), como de castelhanos que vieram ver El-Rei, de Ayamonte, que não havia poder romper”.

Aqui tendes, minhas senhoras e meus senhores, a prova irrefutável da boa convivência que havia entre tavirenses e ayamontinos naquele já longínquo ano de 1573: foram daqui, a Tavira, tantos ayamontinos que o cronista se expressou como acabámos de ver. A rua de Mal-Foro, a tal rua muito comprida de Tavira cheia de gente, assim de Tavira como de Ayamonte! Porquê? Apenas para verem e aplaudirem o rei de Portugal, moço de 19 anos de idade, e que, por sinal, era parente muito próximo do Rei de Espanha, D. Filipe II¹.

Em Tavira se demorou D. Sebastião três dias e três noites: chegou no dia 31 de Janeiro e partiu para Castro Marim no dia 3 de Fevereiro, manhã cedinho.

Chegado a Castro Marim, na manhã do dia 3 de Fevereiro, eis que D. Sebastião é aí recebido pelas autoridades locais e pelo povo, dizendo João Gascão, a esse respeito, o seguinte:

“De Ayamonte vieram muitos castelhanos e castelhanas formosas, ver El-rei, entre os quais veio um volteador que andou aí no terreiro, pegado com as casas de El-Rei, fazendo seu ofício um grande pedaço”.

Evidentemente que se muitos ayamontinos foram a Tavira ver o rei de Portugal, muitos mais terão ido a Castro Marim, que ficava ainda mais perto de Ayamonte. Repare-se como o cronista assinala a beleza da ayamontinas. Quanto ao volteador, fazendo seu ofício, não consigo imaginar senão uma espécie de artista de circo fazendo acrobacias.

Mais à frente, o cronista prossegue:

“El-Rei, depois de jantar (hoje, dir-se-ia almoçar) foi ver a barra em um bergantim, que mandou vir de Faro, com os Fidalgos a ele mais chegados que nessa vinda ao Algarve o acompanharam”.

E, a certa altura, diz Gascão:

“ao meio do rio o vieram esperar onze bergantins de Ayamonte, por mandado da Marquesa, todos (os bergantins) muito bem equipados e muito bem concertados, assim de bandeiras grandes e pequenas, como das mais coisas necessárias; entre os onze (bergantins) vinha um que no concerto fazia muita vantagem aos outros; este mandava a marquesa (de Ayamonte) a El-Rei (de Portugal) para se embarcar nele; trazia por toldo um docel riquíssimo de brocado e veludo de diversas cores, carmesim, verde e branco; tinha o docel em roda uma

¹ D. Filipe II de Espanha era neto materno de D. Manuel I de Portugal, enquanto D. Sebastião era bisneto paterno do mesmo D. Manuel I. Por outro lado, a mãe de D. Sebastião era irmã de D. Filipe II.

riquíssima e larga bordadura de ouro (...) E, no lugar das costas, as armas do Marquês (...), e na popa duas caçoulas em braseiro de prata de tão suavíssimo cheiro que em uma grande parte do Rio recendia (...). Neste bergantim não vinha mais gente que os que remavam e um homem que tinha cuidado de os concertar, e o Corregedor de Ayamonte, o qual, chegando o bergantim ao de El rei, lho ofereceu com os mais (dez) e com um recado mavioso da parte da Marquesa. El Rei lho agradeceu muito, e a gente (dos onze bergantins, evidentemente) fez salva muito grande de gritos por não trazerem mais armas que as línguas; e a fortaleza de Ayamonte disparou toda a artilharia. O Corregedor de Ayamonte, que é um homem fidalgo e velho, andou sempre com este bergantim pegado ao de El Rei e sempre com o barrete na mão, sem nunca o pôr na cabeça à ida nem à vinda”.

Interrompi, neste ponto, o relato do cronista a fim de analisar as informações que ele acaba de nos dar.

O encontro dos onze bergantins espanhóis com o do Rei de Portugal deu-se no meio do Rio. Porquê? Porque, tal como hoje, a fronteira entre Portugal e Espanha era, nesta zona da Península, pelo meio do rio.

Repare-se no número de bergantins que a Marquesa de Ayamonte enviou ao Rei de Portugal: onze. Sinal de poderio? creio que sim. Mas um deles ia ricamente ornamentado, sinal de riqueza que então ostentava o Marquesado de Ayamonte. Sabe-se que nessa ornamentação constavam as armas do Marquês, mas o cronista, João Gascão, só nos diz sobre estas que tinham martelo em campo vermelho, em evidente desacordo com a descrição que das mesmas armas consta a pág. 29- 30 do livro “Ayamonte y La Virgen de Las Angustias”, de D. Enrique Berrones.

No bergantim, destinado ao Rei D. Sebastião pela vossa Marquesa, vinham apenas os remadores, o seu chefe e o Corregedor de Ayamonte. Quantos remadores seriam? Por aquilo que tenho lido, os bergantins eram embarcações ligeiras, movidas especialmente a remo, com cerca de oito bancos para os remadores, ou seja oito remos em cada um dos bordos, e empregues especialmente no patrulhamento das águas marítimas territoriais.

Se tivessem mais remos, chamar-se-iam galeotas ou galés.

“Salva muito grande de gritos”? Trata-se, certamente, de gritos comandados.

A “Fortaleza de Ayamonte disparou toda a artilharia”. Que Fortaleza? Decerto aquela a que os ayamontinos chamavam “baluarte” e que ficava entre o rio e as traseiras da Igreja paroquial de N^a S^a das Angústias, como atesta D. Enrique Berrones no seu excelente livro “Las Angústias: Baluarte de Ayamonte”, editado em 2000, e que pude consultar na Biblioteca pública desta bonita cidade, uma vez que está esgotado. Disse “decerto” porque, naquele tempo, ainda não havia o forte de Buscarruídos, e o castelo de Ayamonte não me parece que estivesse artilhado, face à sua posição afastada relativamente a esta povoação.

O castelo de Ayamonte foi construído no tempo do domínio Mouro senão antes, como é sabido. Mas quando o edificaram não tiveram em vista a sua utilização como base de artilharia pirobalística, pois que esta não era ainda conhecida no Ocidente.

Se esse Castelo hoje existisse poder-se-ia tirar qualquer dúvida nesse sentido.

Os castelos medievais eram normalmente construídos em pontos altos de difícil acesso, sobre rochas se aí as houvesse. Mas, quando entre nós se generalizou a artilharia pirobalística, logo se reconheceu que nela era preferível a trajectória baixa por ser mais eficaz que a trajectória alta. Por isso se tratou de substituir os castelos roqueiros por fortalezas edificadas a cotas muito mais baixas. E a muitas delas deram o nome de baluartes. Foi isso o que aconteceu em Ayamonte.

Além do mais, o castelo velho de Ayamonte ficava muito afastado do porto, isto é, da zona em que atracavam os barcos nesta povoação, porto que no séc. XVI se situava na frente do Convento de São Francisco. E, se do Castelo se pretendesse fazer tiro para o dito porto, havia o perigo dos tiros curtos, sempre possíveis em armas de fogo e que, nesse caso, cairiam sobre a povoação.

Outro tanto não acontecia se o tiro fosse feito a partir de um ponto situado na margem do Guadiana, atrás da Igreja paroquial de N^a S^a das Angústias. Dali era possível barrar a subida do Rio às embarcações inimigas e, bem assim, defender o Esteiro da Ribeira que então começava a substituir, em parte, o antigo porto desta cidade.

Terão sido todas estas razões e outras que porventura me escapam que levaram as autoridades a decidir construir o Baluarte de N^a S^a das Angústias precisamente nas traseiras da Igreja do mesmo nome. Construção que terá sido feita no meado do séc. XVI, antes, portanto, da visita do Rei de Portugal ao Algarve em 1573.

E desse Baluarte terão sido disparadas as duas salvas em sua honra.

O Corregedor, apesar de velho, nunca pôs o barrete na cabeça enquanto o seu bergantim acompanhou aquele em que D. Sebastião seguia. Boas maneiras, que ainda hoje os ayamontinos mantêm! O Corregedor seria Juan de Moralles, referenciado no ano de 1580^{2?} Talvez uma busca no Arquivo Municipal de Ayamonte responda a esta interrogação.

Regressemos ao cronista, Gascão, para observar como ele volveu atrás no seu relato. Diz ele:

2 ARROYO BERRONES, Enrique. *Ayamonte e la Virgen de las Angustias*, p. 77.

“ Ao embarcar El- Rei em Castro Marim, lhe beijaram a mão os frades castelhanos do Mosteiro de S. Francisco que há em Ayamonte. Estes o seguiram sempre pelo rio em um batel com os hábitos na cinta. Também o seguiram muitas mulheres-moças castelhanas que também embarcaram em Castro Marim, as quais levantavam também as vasquinhas, que não eram de burel, e ficavam em calças e jubão [sic], e, desejosas de ver a El- Rei, se chegavam ao seu batel³ e lhe pediram que mandasse correr as cortinas que o queriam ver, o que El- Rei fez”.

Interrompamos, neste ponto, o cronista para melhor apreciarmos esta passagem: As ayamontinas levantavam as suas vasquinhas e ficavam em calças e jibão, decerto para embarcarem no seu batel ou, mais provavelmente, para entusiasmar El Rei a olhá-las.

Se fosse hoje, ao levantarem as suas vasquinhas não seria para as calças e gibão delas que D. Sebastião olharia... Calças e gibão já hoje não se usam!

Voltemos ao cronista: “Chegou (El- Rei) a Santo António, viu-a [à povoação] do bergantim e também viu a barra”.

Esta referência à barra do Guadiana merece que se anote aqui a existência de uma carta régia deste mesmo D. Sebastião, mas datada de vinte e oito meses antes da sua visita ao Algarve, na qual proibia que os frutos secos de Tavira viessem embarcar para o estrangeiro em Ayamonte ⁴.

Mas continuemos com João Gascão. Diz ele:

³ Seria antes de El- Rei entrar no bergantim?

⁴ É do seguinte teor uma carta régia de 25 de Setembro de 1570 (reinado de D. Sebastião) registada a fol. 135-rosto do livro primeiro do Registo da Câmara de Tavira, livro que se guarda no Arquivo Histórico Municipal de Tavira, Portugal:

“Hei por bem e me prax que mercador algum, nem pessoa outrem de qualquer qualidade que seja, possa carregar nenhuma fruta que comprar na dita cidade [Tavira] e seu Termo, fora da barra della, nem em lugar algum do reino de Castella, e toda a dita fruta se carregará no porto e Rio da dita Cidade nas naos [naus] que para ello [isso] vierem, e qualquer pessoa que o contrário fizer, perderá toda a fruta que assim levar ou carregar fora da Barra da dita Cidade, a metade para os captivos e a outra metade para quem acusar”.

Esta carta régia foi passada a requerimento da Câmara de Tavira, requerimento no qual se pedia que os mercadores não fossem autorizados a levar de Tavira a fruta (figo, amêndoa, passa de uva, etc.) a carregar em Ayamonte ou outras partes do Condado de Castella (sic) porque as naus, em vez de virem a Tavira iam a Ayamonte e ao dito Condado carregar a referida fruta. O requerimento acrescentava:

“o que é causa da dita Villa de Ayamonte e Condado se enobrecerem e irem em grande crescimento, e esta Cidade [Tavira] se destruir e diminuir com isso porque onde antes costumavam entrar na Barra desta Cidade desde outo [oito] naos de carregação que se nella carregavam, o dia de hoje não vem nenhuma, e todas se vão ao dito Condado”. Por fim o requerimento pedia:

“que nenhuma pessoa desta cidade [Tavira] possa comprar as ditas frutas por Comissão de homem algum de Castella para se levar a carregar às ditas partes [de Castella]. Salvo os que comprarem por comissão de homens de Flandes ou de outras partes remotas e nesta cidade [Tavira] as carregarem, porquanto [os de Castella] comprem aqui por certo preço e a vão revender às partes de Castella, o que tudo é dano desta Cidade e perda dos direitos de Vossa Alteza”. Aqui fica, pois, um documento de grande valor para se compreender melhor o desenvolvimento verificado em Ayamonte no século XVI e até as relações comerciais entre o Algarve e a Andaluzia nessa mesma época.

“[após ver a barra] veio [D. Sebastião] correndo a Hayamonte todo ao longo das casas, que é muito comprido, e chegou-se tam longe das casas com o bergantim, que [o] conheciam muy bem de terra, e acodio à praia (isto é ao porto) toda a gente de Hayamonte, às janelas e eirados de sobre o rio muitas e muy formosas mulheres, o Rio era coalhado de batéis e bergantins, e com as gritas que havia e [o] disparar da artilharia da Fortaleza, que o fez duas vezes, e o repicar dos sinos de Hayamonte, não havia quem se entendesse e era coisa muito para ver. El-Rei se veio nesta ordem para a sua casa [em Castro Marim]”.

Retomemos a nossa análise:

Ayamonte era já nesse tempo muito comprida, diz o cronista. E diz também que havia janelas e eirados sobre o rio, janelas e eirados que se encheram de muitas e muito formosas mulheres.

Ora, sabendo-se que, naquele tempo, ainda não havia a marginal entre a Alfândega e o Esteiro da Ribeira, como se vê pelas plantas do séc. XVIII⁵, não resta outra hipótese senão a de que tais casas e eirados eram na Rua que de S. Francisco levava directamente ao referido Esteiro, rua que hoje se chama Lerdo de Tejada e, em continuação, de Cristobal Collon.

Cabe discutir, aqui, quais eram os limites do casco urbano de Ayamonte, em 1573:

Já vimos que as janelas e eirados dos quais as “mui formosas mulheres” de Ayamonte saudaram o Rei D. Sebastião, que no seu bergantim passava junto da margem espanhola do Guadiana, pressupõem, no meu ponto de vista, que então já existia uma ou mais ruas muito próximas e paralelas ao Rio, na zona em que se erguia o Convento de S. Francisco, uma vez que não parece de aceitar que se tratasse de janelas e eirados da *calle Real de la Villa*, que hoje se chama de Galdames, dada a sua distância do rio.

Porém, o mapa de Ayamonte, de 1951, que apresento aqui, é elucidativo: no meado do séc. XX, ainda não existia mais do que uma rua no antigo porto de Ayamonte, ou seja na frente do antigo Convento de S. Francisco. Rua essa que continuava até ao terreiro situado junto ao Esteiro da Ribeira, terreiro que hoje se chama praça da Coronacion e em cujas proximidades a mesma rua bifurcava para acesso ao chamado bairro da Ribeira e à Estrada Nacional para Huelva.

Ora, se no meado do séc. XX, existia uma só via a ligar o bairro da Villa ao bairro da Ribeira, aquela que a norte se chama hoje *calle de São Francisco*, a meio de *Lerdo de Tejada* e a sul de *Cristobal Collon*, é evidente que, em 1573, não existiam na zona do antigo porto de Ayamonte outras vias de comunicação, além desta a que acabo de me referir.

5 Publicadas por ARROYO BERRONES, Enrique. *Las Angustias: Baluarte de Ayamonte*.

Quanto à idade do bairro da Ribeira, sou de opinião que ele já existia quando a paróquia de N^a S^a das Angústias foi criada. Criação que terá tido em vista facilitar aos habitantes desse bairro a sua ida à Missa sem terem de percorrer o longo caminho que os separava da paróquia do Salvador. E dado que, em 1539, já se lavravam termos de baptismo na Igreja de N^a S^a das Angústias, termos que ainda hoje existem, é de aceitar que o bairro da Ribeira remonte, no mínimo, aos primeiros anos de Quinhentos, não exactamente na forma que ele hoje apresenta, mas muito aproximada.

Regressando à crónica, verificamos que logo que D. Sebastião, ido do porto de Ayamonte, desembarcou em Castro Marim, todos os cortesãos que o haviam acompanhado no cortejo fluvial retrocederam a Ayamonte, agora desacompanhados do seu Rei.

Nesse ponto, diz João Gascão o seguinte:

“Não houve pessoa da corte [e eram muitas dezenas] que não fosse ver este lugar de Castella, quer fidalgo, quer de outra qualidade, e também não ficou nenhum dos que lá foram que não fosse muito bem servido de laranjadas e de caldeiradas de água de farelos, por ser Dia de Entrudo. E eles haviam tudo por bem, vindo por vir de mãos soberanas. Eram todas, as que andavam neste ofício, moças e muito formosas sem terem ajuda de velhas, nem de homens; devia de estar assim ordenado. Houve alguns cortesãos grosseiros que lhes quiseram pagar na própria moeda, a que elas resistiam cavaleirosamente; e muy confiadas saíam algumas à rua a eles, com as armas já ditas. (...). A festa durara muito mais do que durou se a noite não sobreviera, que fez aos portugueses muito tristes, os quais desejavam que durasse o dia eternamente”.

O parágrafo acabado de transcrever está bem explicito: era Dia de Entrudo, tal como o cronista não se esqueceu de dizer. As brincadeiras utilizadas pelas ayamontinas, seriam as tradicionais desse dia, naquele tempo. Interessante é notarmos que os maridos e os pais dessas ayamontinas que brincavam ao Carnaval com os portugueses se afastaram voluntariamente delas para que as mesmas não se incomodassem com a sua presença. Sinal de respeito, de certeza. Interessante é também a atitude dos cortesãos portugueses, perante a ousadia das ayamontinas! E pretendiam eles que a noite não viesse. Se fosse hoje, a persistente admiração perante a beleza das mulheres espanholas não seria prejudicada pela falta de luz eléctrica!

“Oh rincuncito de España!
Tienes mugeres tan bellas,
que les roban esplendores
a las hermosas estrellas”⁶!

6 Quadra da autoria de Dona Maria Emília Dias do Carmo, nascida em VRSA mas residente em Ayamonte em 1957, publicada no “Jornal do Algarve” de 31- 08- 1957 como parte do poema “Sueño Feliz”, dedicado a Ayamonte.

No dia seguinte, em Castro Marim, estando D. Sebastião na “cortina”, o que talvez signifique que se encontrava a dar despacho, deu-se um facto inesperado:

“arremeteu uma castelhana e tomou-lhe a mão para lha beijar, e El- Rei tirou [a mão] muito rijo, mas [a castelhana] não lha quis largar até que, por força, lha beijou. El- Rei se viu [por isso] em grande afronta”.

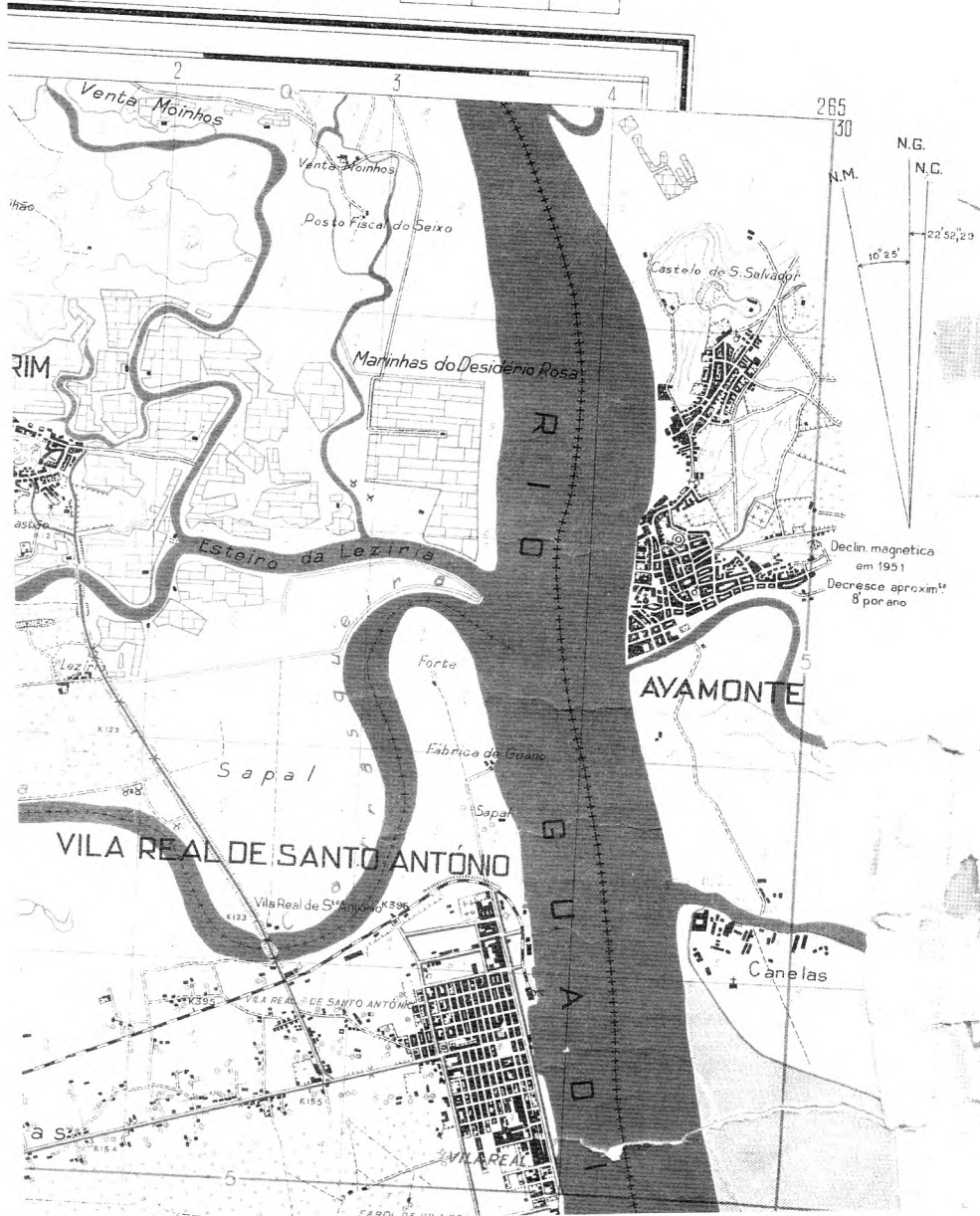
Naquele mesmo dia, depois de jantar (isto é, de almoçar), embarcou D. Sebastião e sua corte para Alcoutim. Eram dez horas dadas. As ruas por onde passou para o embarque, afirma o cronista, estavam cheias de castelhanos.

Já vimos que castelhanos, para o cronista João Gascão, eram também os ayamontinos. Estes, por conseguinte, não faltaram em Castro Marim à partida de D. Sebastião para o norte, nessa quarta- feira de Cinzas de 1573.

Não resta pois qualquer dúvida: em 1573 ayamontinos e algarvios, no mínimo os do Sotavento, visitavam-se mutuamente, revelando uma intimidade quotidiana que não seria apenas económica e política, mas iria mais além, estendendo-se, provavelmente, até ao campo matrimonial, aspecto que convirá ser indagado nos livros de registo paroquial desta cidade, já que existem a partir de 1539, na Freguesia de N^a S^a das Angústias, como declara D. Enrique Arroyo Berrones no programa destas IX Jornadas. Familiaridade que os 431 anos que vão decorridos não desvaneceu, como demonstra a documentação que exibe e a minha presença aqui.

SANTO ANTÓNIO

500-SE	600	8
50000		(Antiga 29)
		250.000



Transparente de parte da Carta militar de Portugal editada em 1951 (folha 600) mostrando também a planta de Ayamonte.



AYUNTAMIENTO CONSTITUCIONAL

DE

AYAMONTE



Negociado *F. y Fiestas*



Estando próximas las fiestas de Ntra Sra de las Augustias que se celebran en esta Ciudad en los días 7, 8, 9, 10 y 11 del entrante mes de Septiembre, cuyo programa se acompaña, y en los tres días últimos la feria de ganados, y al objeto de dar la mayor esplendor a la misma, ruego a V. S. se digno hacer saber a los ganaderos de este término, que este Ayuntamiento facilitará gratuitamente agua y paja abundante al ganado que a ella concurra, así co-

no un lugar espacioso,
facilitándose también
gratuitamente barcas
para el paso y retorno
del ganado por el Rio
Guadiana, esperando de
la fina atención de V.S.
se sirva dar la mayor
publicidad al presente
con el fin indicado.
Dios que a V.S. me sirva.
Oyamonte 29 Agosto 1.907
El Alcalde,

Jose Gen Barro

Hmo
Sr. Presidente de la Cámara Muni-
cipal de Barro
(Oyamonte)

Programa

Coral Juvenil Nova Esperança

Cantanbibus Organis.	(2.ª Vésperas de Santa Cecília)
Iesu Decus	G. Newmark (1.681)
O esca	Haydn
Natal de Elvas	Popular
Ave Maria	J. Arcadelt
Des Clochetes	W. A. Mozart

Coral Polifónica "Jesús Villanueva" y Rondalla "Amanecer"

Rondalla

Minuetto	L. Bocherini
La Boda de Luís Alonso	

Coral Polifónica "Jesús Villanueva"

Porque Jesus no lloras	Bach] Só coral
Ave Maria	Trescit	
Canticorum Jubilo	Haëndel] Coral e Rondalla
Benedicat Volois	"	
Alelluia	"	
Digno es el cordero	"	
Amen	"] Os 2 coros
Nabusco (Coro de Esclavos)	G. Verdi	
Ave Verum	Mozart	

CORAL JUVENIL NOVA ESPERANÇA

CONCERTO COMEMORATIVO

Participação

do

Coral POLIFÓNICA
"JESÚS VILLANUEVA"
e RONDALLA "AMANECER"
de Ayamonte

**Sábado, 26 de Novembro de 1994
às 21.30 em TAVIRA**

IGREJA DO CARMO

Patrocínio: Câmara Municipal de Tavira

Apoio: Paróquia de Santa Maria e Sant'Iago de Tavira
Jornal do "Sotavento"

Programa de um concerto realizado em Tavira no dia 26-11-1994 em que, além do Coral Juvenil Nova Esperança daquela cidade, participou o Coral Polifónica "Jesus Villanueva" e Rondalla "Amanecer" de Ayamonte.